



A FOTOPERFORMANCE COMO MEDIADORA DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA CONTEMPORANEIDADE

THE PHOTO PERFORMANCE AS A MEDIATOR OF PEDAGOGICAL PRACTICES IN CONTEMPORANEITY

Rogger da Silva Bandeira¹

Universidade Federal de Pelotas

Associado/a/e ANPAP: Não

Cláudia Mariza Mattos Brandão²

Universidade Federal de Pelotas

Associado/a/e ANPAP: Sim

RESUMO

O artigo versa sobre o uso da fotoperformance como estratégia pedagógica na arte-educação, a partir da metodologia da A/r/tografia (Irwin, 2013; Dias, 2010), que vê os papéis de artista, professor e pesquisador de forma integrada. Apoiado em experiências como *A sombra de tudo* (2021) e *Corpo Fronteiriço* (2024), o estudo indica como o corpo em ação e a imagem fotográfica podem promover processos de ensino críticos e sensíveis. Dialogando com a abordagem triangular de Ana Mae Barbosa (2010), quando a prática valoriza a mediação cultural. A performance é compreendida como linguagem híbrida que articula corpo, tempo e espaço (Medeiros, 2007), provocando reflexões sobre identidades e territórios. Conclui-se que a fotoperformance, enquanto prática simbólica e estética (Furlanetto, 2015), contribui para uma formação transversal e reflexiva em arte.

Palavras-Chave: Arte educação. A/R/Tografia. Fotoperformance. Corpo. Processo criativo.

ABSTRACT

The article discusses the use of photoperformance as a pedagogical strategy in art education, based on the methodology of A/r/tography (Irwin, 2013; Dias, 2010), which views the roles of artist, teacher, and researcher in an integrated way. Supported by experiences such as The Shadow of Everything (2021) and Border Body (2024), the study indicates how the body in

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Artes/UFPel, na linha de pesquisa “Educação em Artes e Processos de Formação Estética”. Mestre em Artes Visuais (PPGArtes/UFPel), Bacharel em Artes Visuais (UFPel) e Licenciando em Artes Visuais (UFPel). É bolsista PIB-MD e Pesquisador do Photographein – Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação (UFPel/CNPq). <https://lattes.cnpq.br/1355595202736191>

² Artista/Professora/Pesquisadora, atua no curso Artes Visuais – Licenciatura e no Programa de Pós-Graduação em Artes, do Centro de Artes, da Universidade Federal de Pelotas. Doutora em Educação (UFPel, 2012), com pós-doutorado em Criação Artística Contemporânea (UA, PT, 2019), é líder fundadora do PhotoGraphein - Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação (UFPel/CNPq).
<https://lattes.cnpq.br/4898554772122279> <https://orcid.org/0000-0002-2161-4779>



action and the photographic image can promote critical and sensitive teaching processes. Dialoguing with Ana Mae Barbosa's triangular approach (2010), when practice values cultural mediation. Performance is understood as a hybrid language that articulates body, time, and space (Medeiros, 2007), provoking reflections on identities and territories. It is concluded that photoperformance, as a symbolic and aesthetic practice (Furlanetto, 2015), contributes to a transversal and reflective training in art.

KEYWORDS: Art education. A/R/Tography. Photo performance. Body. Creative process.

A fotoperformance surge como uma linguagem artística contemporânea que integra corpo, imagem e ação, se colocando como potência mediadora nas práticas pedagógicas em arte. Esse registro da performance é pensado diretamente para o enquadramento da fotografia, sendo assim, a fotoperformance se configura como uma fusão entre o ato fotográfico e a performance que pensa, ao final do processo criativo, nesta imagem que a câmera produz e documenta. Este tipo de produção começou a ganhar espaço nos anos 60 e 70 com artistas da arte conceitual e da body art, como Cindy Sherman e Ana Mendieta, estes artistas começaram a utilizar a fotografia para criar criativamente a partir do real, alterando o uso mais comum dessa ferramenta, que estava focado no registro da realidade.

Estes trabalhos, de certa forma, se afastam do objeto e nos aproximam da experiência, estabelecem um campo ampliado para o diálogo entre criação e reflexão crítica, permitindo que artistas/educadores explorem diferentes formas de expressão e de ensino por meio da interação entre a efemeridade do corpo e a permanência da imagem. Segundo Maria Beatriz de Medeiros, que foi performer e professora na Universidade de Brasília (UnB), a performance é uma linguagem híbrida que articula corpo, espaço e tempo, promovendo experiências estéticas que transgridem fronteiras disciplinares (Medeiros, 2007). No contexto educacional, a fotoperformance possibilita a ampliação das práticas pedagógicas ao provocar reflexões sobre identidades, territorialidades e subjetividades. Ao articular a prática artística com processos educativos, abre-se um espaço para a experimentação e a construção de saberes sensíveis, rompendo com métodos tradicionais de ensino e estimulando a autonomia criativa dos estudantes. Essa perspectiva se alinha com os estudos de Ana Mae



Barbosa (2010), que defende a integração entre criação artística e prática pedagógica na mediação cultural do ensino das artes. A compreensão da performance como linguagem artística também se apoia nas reflexões presentes em Arte em Pesquisa: Especificidades (Dias, 2010), que destaca a performance como meio de investigação e expressão crítica, o que se torna fundamental para práticas educativas que valorizam e utilizam o corpo como agente de conhecimento. Complementando essa abordagem, Philippe Dubois (2012), em *O Ato Fotográfico*, contribui com uma análise da fotografia como ato e linguagem, enfatizando seu papel na construção de sentidos e na mediação de experiências visuais, o que faz da fotoperformance uma possível ferramenta pedagógica ainda pouco explorada.

Na pedagogia crítica, Freire propõe a reflexão como um momento essencial na ação educativa. A ideia de "*práxis*", que une ação e reflexão, inclui a pausa como espaço de consciência e transformação. Para ele, o pensar crítico exige tempo e escuta do mundo, neste sentido, busco através de minha pesquisa potencializar este olhar crítico propondo pausas reflexivas frente ao tempo vertiginoso em que vivemos.

A experiência com obras como: *A sombra de tudo* (2021) e a performance *Corpo Fronteiriço* (2024) apontam para a fotoperformance como um potente recurso investigativo de autoformação nos espaços educativos. Essas experiências trazem em potencial a prática performática e o seu registro fotográfico como um recurso metodológico que integra vivências pessoais e coletivas, levando em consideração diferentes contextos.

O termo fotoperformance deriva de um conceito híbrido que resulta da fusão entre performance artística e fotografia, sendo um recurso muito utilizado nas artes visuais contemporâneas. Pode ser definido como uma prática artística que pensa a ação performática do corpo com o registro fotográfico, neste caso, a fotografia não é vista apenas como um documento da performance, mas parte integrante do processo criativo, da poética e da obra em si.

Este artigo tem como objetivo discutir o papel da fotoperformance como recurso pedagógico na formação estética e educativa, fundamentando-se nas experiências do



doutorando como artista performer e em referenciais teóricos / artísticos relevantes para pesquisa em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Artes, nível Doutorado, da Universidade Federal de Pelotas que está focada na mediação pedagógica do corpo e da fotografia no ensino da arte contemporânea, como recursos estimuladores de experiências estéticas coletivas. Para isso, são analisadas práticas artísticas, abordagens metodológicas e conceitos que sustentam a interseção entre arte, corpo, fotografia e educação. A ideia da investigação, já iniciada, busca estabelecer vínculos entre as práticas processuais de criação do pesquisador e o ensino da arte, permeando as imagens, os corpos e a ação performática como possibilidade híbrida de linguagem e pensamento crítico.

O desdobramento do trabalho *A sombra de tudo* desenvolvido durante o 1º Unifica (CA/UFPel), em 2023, revelou a fotoperformance como mediadora de experiências. A performance, anteriormente apresentada na revista Petaleco nº7 do PET das artes visuais - UFPEL, foi adaptada para uma oficina aberta aos acadêmicos (Figura 1), realizada na rua Conde de Porto Alegre, no Porto de Pelotas (RS). Nessa atividade, os participantes foram convidados a interagir com o espaço urbano ao desenharem as sombras projetadas pelos corpos e pela vegetação da via pública na arquitetura. O processo evidenciou a importância da interação entre corpo, espaço e tempo na construção de uma experiência coletiva.

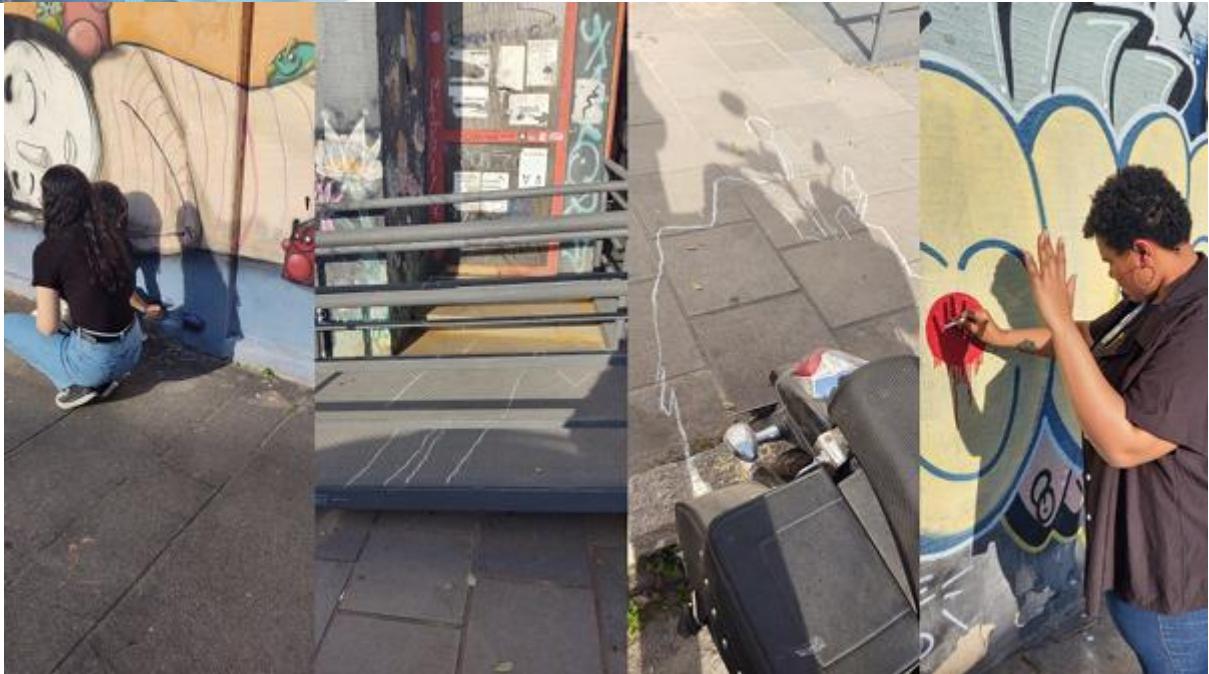


Figura 1: Registro do trabalho *A Sombra de tudo* em forma de oficina, 2023.

A escolha do ambiente urbano como espaço de criação reforçou o caráter inclusivo e experimental da proposta, permitindo que os estudantes vivenciassem novas percepções sobre o entorno e sobre seus próprios corpos. A atividade proporcionou uma imersão sensível nas relações entre o corpo e cidade, enriquecendo a experiência e a percepção estética do entorno. Quando o corpo assume o protagonismo nas produções artísticas, principalmente em propostas coletivas, a noção de corpo é diluída, fluindo novas combinações conceituais e do imaginário acerca desse corpo transitivo que está em ação.

A prática desenvolvida possibilitou observar o quanto a fotoperformance permite que o corpo, enquanto elemento central da criação, estabelece diálogos ativos e sensíveis com o contexto, oportunizando sempre renovadas apreensões daquilo que nos rodeia. Por sua vez, a fotografia não apenas captura a imagem, mas também representa um ato que evidencia a presença e a experiência do corpo no mundo, assim o corpo performático se inscreve no ambiente através da imagem (Dubois, 2012). Nesse sentido, a performance *Corpo Fronteiriço* (Figura 2), apresentada no SPMAV (UFPel, 2024) expandiu o entendimento das questões apresentadas até aqui, visto que ela



explorou os limites entre o corpo e o espaço social, destacando como a presença física se integra e ressignifica o ambiente.



Figura 2: Registro do trabalho *Corpo Fronteiriço*, 2024. Foto: Pedro Tavares.

Nesta performance, o corpo está acondicionado pelo vestuário de malha branca, ela contém um capuz frontal que oculta a identidade do performer, assumindo para este corpo uma nova configuração perante o espaço onde o trabalho foi apresentado.

A fotoperformance, enquanto linguagem artística híbrida que entrelaça elementos da fotografia e da performance, possibilita a exploração de questões identitárias, corporais e simbólicas, permitindo ao educador e ao educando vivenciarem experiências sensíveis e reflexivas. A partir desse entendimento, a fotoperformance pode ser compreendida como um dispositivo que ativa a "educação dos sentidos" (Rubem Alves, 1991) e o repertório dos estudantes, ao provocar o olhar atento e a escuta sensível, elementos essenciais na formação de uma percepção crítica sobre o mundo.



Nos processos formativos em arte/educação, a integração da fotoperformance promove a construção de saberes que transpassam o campo técnico, alcançando dimensões subjetivas e poéticas. Segundo Ana Luiza Carvalho da Rocha (2001), a sensibilidade humana é moldada por símbolos que emergem entre o visível e o invisível, articulando-se de forma simbólica e sensível. Essa perspectiva mostra a importância de práticas artísticas que estimulem a percepção e a interpretação das múltiplas camadas da realidade, como ocorre na fotoperformance, onde o corpo em ação e a imagem capturada instauram novas possibilidades de significação a partir do imaginário. A articulação entre a prática artística e o processo educacional se dá por meio de vivências estéticas que integram o fazer artístico e a reflexão crítica.

A fotoperformance, nesse contexto, torna-se um campo fértil para a exploração de subjetividades e narrativas pessoais, proporcionando aos participantes uma experiência de autoconhecimento e de expressão criativa. Esse processo contribui para a formação de educadores mais sensíveis e abertos a novas tecnologias e metodologias, capazes de valorizar a diversidade de expressões artísticas e culturais presentes na arte contemporânea e logo, também nos ambientes de ensino.

Como parte da metodologia, ela promove também reflexões sobre o corpo como território, assim a prática artística não se limita à produção de obras, mas se configura como um processo contínuo de construção de saberes e de sentidos, vivenciados também no processo de criação. Ao considerar a formação estética como um processo que envolve tanto a percepção quanto a interpretação do mundo sensível, a fotoperformance ganha força por sua capacidade de provocar deslocamentos de percepção e de expandir as fronteiras do conhecimento. Rubem Alves (1991) ressalta que educar é "mostrar a beleza do mundo", e nesse sentido, a fotoperformance atua como um meio de revelar e ressignificar experiências cotidianas, ampliando o repertório sensível e simbólico. Essa prática promove uma conexão profunda entre o sujeito e o mundo, potencializando a compreensão estética e crítica acerca do entorno.

O corpo ocupa um lugar central nas artes visuais contemporâneas, funcionando não apenas como tema, mas também como suporte ativo de criação e pensamento crítico.



Fundamental desde a segunda metade do século XX, com o surgimento de movimentos como a performance, o corpo começou a ser percebido como um recurso de experimentação estética, rompendo com paradigmas tradicionais das artes visuais que privilegiavam suportes como tela e escultura.

Em obras de artistas brasileiros como Lygia Clark e Hélio Oiticica, o corpo transcende sua função estática para se tornar um agente participativo na construção da obra, explorando sensações, movimentos e interações com o público. Assim, as fronteiras entre sujeito e objeto se entrelaçam, o que permite uma relação mais interativa com o espectador. Especialmente no contexto da experiência estética, da performance e da pedagogia crítica. Rancière propõe uma visão em que o corpo do espectador (ou do aprendiz) não é passivo, mas ativo, sensível e pensante:

Não se trata de opor à passividade do espectador a atividade do agente, mas de compreender que ver, ouvir, estar presente, são também formas de ação que se enredam num tecido de relações. [...] Cada espectador é já um ator da sua própria história, cada um carrega dentro de si o saber e a ignorância, a linguagem e a tradução. [...] O corpo do espectador pensa tanto quanto age. Ele seleciona, compara, interpreta. Ele liga o que vê ao que viu, ao que foi dito, ao que foi sentido. Ele compõe seu próprio poema com os elementos do poema que lhe é oferecido. (Ranciere, 2012, p. 20-21).

Tal perspectiva ecoa nas práticas do grupo Fluxus, que investiga a relação entre corpo e espaço urbano, utilizando performances para propor reflexões sobre temas como identidade, deslocamento e pertencimento, convidando o público a fazer parte da experiência. No Brasil, a abordagem do corpo como suporte ativo ganha força em propostas que dialogam com questões sociais e políticas. Artistas como Anna Maria Maiolino, Adriana Varejão e Tunga incorporaram, em suas produções, reflexões complexas sobre o papel do corpo na construção da subjetividade e na crítica às estruturas de poder. Essa visão é especialmente evidente nas performances do grupo Fluxus, que explora a potencialidade do corpo em situações limítrofes, como intervenções urbanas e ações em espaços não convencionais, propondo um diálogo entre o indivíduo e o coletivo fora dos grandes centros das artes. A prática desses artistas nos mostra o entendimento de que o corpo não é apenas suporte, mas um meio de articulação de novas formas de pensamento, que desafiam normas e



expectativas sociais, sendo levado em propostas coletivas por mim, como meio de experimentação e entendimento da arte contemporânea.

Entendemos que tal abordagem amplia as possibilidades críticas das artes visuais, inserindo-as em debates sobre política, gênero, meio ambiente e outras questões contemporâneas. Assim, o corpo torna-se mais do que uma presença física, afirmindo-se como potente mediador ativo para a criação de narrativas que desestabilizam discursos hegemônicos, promovendo outras formas de reflexão estética.

Referências

- BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte*. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- DIAS, Belidson. Arte em pesquisa: especificidades. In: MACHADO, Maria das Graças de Moraes; BARBOSA, Ana Mae (org.). *Arte e educação: possibilidades de pesquisa interdisciplinar*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 111–127.
- DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- FURLANETTO, Regina. *Fotoperformance: uma poética da imagem de si*. Curitiba: Appris, 2015.
- IRWIN, Rita L. A/r/tografia: uma forma de pesquisa viva. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (org.). *A/r/tografia: renderizar e inquirir o ensino e a aprendizagem da arte*. Santa Maria: EdUFSM, 2013. p. 25–44.
- MEDEIROS, Maria Beatriz. *Performance e suas linguagens*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- RANCIÈRE, Jacques. *O espectador emancipado*. São Paulo: Boitempo, 2012.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *O visível e o invisível: um estudo sobre sensibilidade e educação estética*. Porto Alegre: Mediação, 2001.